

***A ÁRVORE*, DE BARTOLOMEU CAMPOS DE QUEIRÓS: UM MAR DE SENSACIONES**

Ana Paula Oliveira Macri Rodrigues¹

Tania Maria Nunes de Lima Camara²

RESUMO: Em *A Árvore* (2018), de Bartolomeu Campos de Queirós (1944-2012), o leitor, de qualquer idade, é conduzido a uma experiência afetiva e multissensorial. O objetivo deste trabalho é proceder à análise da referida obra, examinando diversos aspectos da afetividade e exemplificando algumas impressões visuais, auditivas, olfativas, gustativas e táteis, simultâneas ou não, transmitidas por meio dessa produção poética. Para isso, recorre-se à observação sobre o caráter afetivo de determinadas palavras e construções e à identificação das figuras ou *tropos*, em uma abordagem semântico-estilística, amparada, principalmente, nos estudos de José Lemos Monteiro (2009), de Othon Moacyr Garcia (2010) e de Nilce Sant'Anna Martins (2012). A respeito da afetividade, além do enfoque estritamente linguístico, menciona-se a afetividade implicada na formação de leitores e a proveniente da relação do leitor com o texto. Alguns indicadores textuais permitem, ainda, uma interpretação metalinguística para *A Árvore* (2018). Visando evidenciar a influência do posicionamento do autor sobre o seu estilo, comenta-se a concepção de Bartolomeu Campos de Queirós sobre Literatura, comparando-a com as visões de Regina Zilberman (2003), de Teresa Colomer (2003) e de Regina Michelli (2007).

Palavras-chave: *A Árvore*. Análise Estilística. Bartolomeu Campos de Queirós.

***A ÁRVORE*, BY BARTOLOMEU CAMPOS DE QUEIRÓS: A SEA OF SENSATIONS**

ABSTRACT: In *A Árvore* (2018), by Bartolomeu Campos de Queirós (1944-2012), the reader, of any age, is taken to an affective and multisensorial experience. The aim of this work is to proceed with the analysis of the referred work, examining several aspects of affectivity and demonstrating which visual, auditory, olfactory, gustatory, and tactile impressions, simultaneous or not, are transmitted through this poetic production. For that, we use observation about the affective character of certain words and phrasal constructions and the identification of figures or tropes, in a semantic-stylistic approach, supported mainly in the studies of Othon Moacyr Garcia (2010), Nilce Sant'Anna Martins (2012) and José Lemos Monteiro (2009). Regarding affectivity, in addition to the strictly linguistic focus, mention is made of the affectivity involved in the formation of readers and that arising from the reader's relationship with the text. Some textual indicators also allow a metalinguistic interpretation for *A Árvore* (2018). As an introduction, aiming to highlight the influence of the author's positioning on his style, Bartolomeu Campos de Queirós's conception of Literature is commented, comparing it with those of Regina Zilberman (2003) and Teresa Colomer (2003).

Keywords: *A Árvore*. Stylistic Analysis. Bartolomeu Campos de Queirós.

¹ Mestranda em Língua Portuguesa no Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). E-mail: anapaulamacri@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8534-4579>

² Doutora em Língua Portuguesa. Professora Associada de Língua Portuguesa da UERJ. E-mail: taniamnlc@gmail.com Orcid: <http://orcid.org/0000-0003-0976-9361>.

Introdução

Em *A Árvore* (2018), de autoria de Bartolomeu Campos de Queirós (1944-2012), diversos recursos estilísticos provocam no leitor impressões afetivas e multissensoriais. O escritor defendia que a qualidade literária de uma obra para crianças deveria ser tão refinada quanto a de uma obra para adultos. Por esse motivo, Bartolomeu rejeitava o termo Literatura Infantil, em que estaria implícita a sugestão de um gênero inferior (PAIOL LITERÁRIO, 2011, n.p.). Educador por formação, escritor por ofício, filósofo e humanista em essência, papagaiense por escolha³, costuma ser lembrado pela sua atuação como fomentador de importantes movimentos a favor da leitura, como o *Movimento por um Brasil Literário*⁴, do qual foi idealizador.

Seu acervo demais 60 títulos destina-se⁵, majoritariamente, às crianças e aos adolescentes. Com traduções para outros idiomas, favorecidas pela universalidade dos temas abordados, recebeu inúmeros prêmios internacionais como *Chevalier de l'Ordre des Arts et des Lettres* (França), *Medalha Rosa Branca* (Cuba) e nacionais, entre eles o *Jabuti*, uma das maiores condecorações literárias do país, a *Grande Medalha da Inconfidência Mineira* e a *Medalha Santos Dumont*, entre outros. Em 2000, entrou na Lista de Honra do *The International Board on Books for Young People* (IBBY). Em 2008, recebeu o *Prêmio Ibero-Americano de Literatura Infantil*, da Fundação SM, no México, pelo conjunto de sua obra. (FNLIJ, s/d.; PAIOL LITERÁRIO, 2011; PALAVRA, 2012).

Suas criações estão inseridas no contexto da literatura brasileira contemporânea que promoveu uma mudança na linguagem dos textos para o público infantil e juvenil. Seus livros foram lançados a partir da década de 70, mesmo período em que despontavam as autoras brasileiras vencedoras do *Prêmio Hans Christian Andersen*, Lygia Bojunga e Ana Maria Machado, além de outros escritores, igualmente importantes. As características comuns a esse

³ Bartolomeu Campos de Queirós nasceu em Pará de Minas, mas preferia que considerassem Papagaios, também em Minas Gerais, sua cidade natal. (FNLIJ, s/d, n.p.).

⁴Disponível em:

www.sesc.com.br/wps/wcm/connect/sesc/site/palavra/dossie/artigo/manifesto+pelo+direito+a+um+pais+literario, acesso em setembro de 2019.

⁵ Uso de “destina-se” com ressalvas, visto que Bartolomeu Campos de Queirós costumava se posicionar contrariamente à destinação de uma obra literária, conforme se demonstrará na seção *Literatura para todas as idades*.

grupo são a linguagem coloquial, a ausência de fronteiras quanto aos temas, o ludismo verbal e o uso de metáforas. (FNLIJ, s/d.; PALAVRA, 2012).

Segundo Neide Medeiros Santos, crítica literária e membro votante da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, na Paraíba (FNLIJ-PB), em seu blogue *Nas Trilhas da Literatura*⁶:

Bartolomeu percorre as mesmas águas de Cecília Meireles, são irmãos das coisas fugidias. O poeta vê sempre, com um novo olhar, um rio de águas mansas que passa pelas pequenas cidades mineiras, fica enternecido diante de um passarinho que pousa na varanda de sua casa e agora é dono de uma árvore que está plantada na sua rua. Reinventa os fatos e escreve textos poéticos como “A Árvore”. (SANTOS, 2010, n.p.).

A versão atual de *A Árvore*(2018) compõe o catálogo infantil da Editora Global e está em sua 4ª edição. Em 2011, essa composição literária recebeu o selo *Altamente Recomendável categoria criança* da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ), merecendo ser analisada mais detalhadamente. Publicada pela primeira vez em 2010, pela editora Paulinas, trata-se de uma das últimas produções de Queirós, que faleceu em 2012. Em todas as edições as ilustrações são do artista Mário Cafiero, concorrendo para a qualidade estética dessa obra.

Quais recursos estilísticos empregados em *A Árvore* (2018) proporcionam ao leitor uma experiência afetiva e multissensorial? Quais as implicações, em termos das escolhas que compõem o estilo, em considerar literatura potencialmente direcionada a crianças e jovens uma categoria à parte ou simplesmente Literatura?

Neste trabalho, pretende-se comentar a afetividade inerente à linguagem, a implicada na formação de leitores e a proveniente da relação do leitor com o texto. Para evidenciar o que está sendo chamado de experiência multissensorial, recorre-se à identificação das metáforas, em especial das sinestésicas, e à descrição do aproveitamento das sonoridades da língua. Por fim, a partir do posicionamento de Bartolomeu Campos de Queirós, intenciona-se uma breve retomada de questões relativas à Literatura Infantojuvenil envolvendo sua adjetivação e classificação. Transcendendo a beleza artística, conclui-se que *A Árvore* (2018) admite uma

⁶ A última publicação do blogue é datada de 1º de setembro de 2018, no entanto, o material, desde 09 de agosto de 2008, continua disponível em: <http://nastrilhasdaliteratura.blogspot.com/>, acesso em 19 set. 2020.

leitura metalinguística, alcançável geralmente por leitores mais experientes, permitindo que ela seja lida — descodificada ou ressignificada — por receptores de diferentes faixas etárias.

Convém uma ressalva sobre o escopo deste trabalho. Muito embora o objetivo pretendido seja a relação forma e conteúdo no texto em análise, o ponto de vista do autor quanto à desnecessária classificação como *Literatura Infantil* bem como o esforço empreendido por ele, durante toda sua vida, na formação de leitores ganham relevância ao se materializarem em seu modo de escrever, compondo seu estilo.

A abordagem estilística ampara-se em Nilce Sant’Anna Martins (2012), em José Lemos Monteiro (2009) e em Othon Moacyr Garcia (2010). Para investigar o relacionamento do leitor com o texto e tecer considerações sobre o leitor crítico, consideram-se os trabalhos de Jouve (2002) e de Gustavo Bernardo (1999; 2005). Comenta-se a expressividade sonora do texto também a partir de Tania Maria Nunes de Lima Camara (2020). Por fim, as lições de Regina Zilberman (2003) e de Teresa Colomer (2003) assim como as de Regina Michelli (2007) auxiliam nas questões relativas à denominação e à classificação da Literatura Infantojuvenil.

1 Afetividade

Os estudos linguístico-descritivos permitem evidenciar a afetividade na composição literária *A Árvore* (2018), porém, existem outros enfoques a serem considerados neste trabalho, como a identificação do leitor com o texto e a relação afetiva inevitavelmente implicada na formação de leitores. De acordo com Martins (2012, p. 41), a estilística é a ciência da expressividade da Língua, estuda os meios pelos quais seus usuários manifestam, por meio da fala ou da escrita, seus estados emotivos e julgamentos de valor, “de modo a despertarem em quem ouve ou lê uma reação também de ordem afetiva”.

No âmbito da obra estudada, a afetividade está presente no relacionamento do personagem narrador com sua árvore, que vai de objeto pessoal, “Eu tenho uma árvore.” (QUEIRÓS, 2018, p.06), a objeto de desejo e inspiração, “Pelo muito que minha árvore me faz pensar, tenho por ela um respeito desmedido.” (QUEIRÓS, 2018, p.34). Pelo menos em sua percepção inicial, esse relacionamento é bilateral já que a árvore o conhece, “Minha árvore me sabe.” (QUEIRÓS, 2018, p. 26), e acolhe não só a ele como a outros seres vivos,

“Em minha árvore moram também outros bichos.” (QUEIRÓS, 2018, p. 09). Em outro momento é revelado que sua “professora verde” ignora que a partir dela são realizadas tantas deduções, “Ela não sabe que é minha professora. Aliás, desconfio que minha árvore viva gratuitamente.” (QUEIRÓS, 2018, p. 34). Nota-se que a personificação ocorre por meio de construções como “Minha árvore é vaidosa em sua elegância.” (QUEIRÓS, 2018, p. 21), com o uso de pronomes possessivos, dentre outros.

Para Garcia (2010, p.113), as metáforas típicas para caracterizar animismo ou personificação ocorrem quando palavras que denotem ações, atitudes ou sentimentos humanos são atribuídas a seres ou coisas inanimadas, como nos seguintes trechos:

Minha árvore é vaidosa em sua elegância. Troca de sobretudo todos os anos. Penso minha árvore com desejo de mudar para dentro de minha casa. Ela estende os galhos e se debruça na minha janela, esperando o sofá. (QUEIRÓS, 2018, p.21).

Desconheço quem ensinou as abelhas a produzirem mel. Também nem sei quem guardou a água dentro do coco, lá nas alturas. Minha árvore sabe, mas não me diz (QUEIRÓS, 2018, p.23).

Minha árvore me sabe. (QUEIRÓS, 2018, p.26).

Segundo Martins (2012, p. 107), o falante pode caracterizar emocionalmente o ser de que fala por meio de adjetivos e costuma destacar o sentimento, a qualidade, o estado, por meio de substantivos abstratos. A alternância no emprego dessas duas formas constitui “um recurso estilístico de forte efeito”, como se observa a no exemplo a seguir, em que a opção de informar que sua árvore é esperançosa é substituída pelo substantivo abstrato *esperança(s)*, criando uma polissemia com o inseto homônimo.

A esperança, por certo, saltou da árvore e veio me visitar na penumbra. Não sei se outras esperanças se escondem no mar da minha árvore. Suponho que minha árvore guarde muitas esperanças escondidas (QUEIRÓS, 2018, p. 33).

Monteiro (2009), ao discorrer sobre as diferenças nas formas iguais, estrutura seu raciocínio da seguinte forma: a) alega que quase toda palavra possui mais de uma acepção, sendo rara a existência de sinônimos exatos; b) informa ser impreciso diferenciar homonímia (dois vocábulos com uma única forma) de polissemia (um vocábulo com diversas acepções); c) alude à Martinet: na polissemia os significados são próximos, tem algo em comum ou são

extensões de determinada acepção; d) ressalta que o critério etimológico (vocábulos homônimos foram diferentes entre si) é ineficiente, por exemplo, porque algumas palavras têm origem desconhecida; e) destaca que o critério sincrônico recomenda avaliação a partir da classe gramatical (classes diferentes: homonímia; mesma função ou mesma classe gramatical: polissemia); f) ressalva que critérios morfossintáticos apenas não contemplam o aspecto semântico. Monteiro (2009, p. 103, 104) finaliza: “E, enquanto o problema persiste, os escritores se valem da confluência ou identidade das formas, às vezes com mudança de função, para elaboração de trocadilhos que enriquecem o texto [...]”, como se constata em *Árvore* (2018).

1.1 Afetividade na formação de leitores e na relação do leitor com o texto

A vida de Bartolomeu Campos foi marcada pelo ativismo. O escritor entendia o posicionamento a favor da Literatura como um ato político. Atuante na esfera pública, presidiu, por exemplo, a Fundação Clóvis Salgado, vinculada à Secretaria de Cultura do Estado de Minas Gerais. Na década de 1990, trabalhou no Programa Nacional de Incentivo à Leitura (PROLER), vinculado à Fundação Biblioteca Nacional, difundindo-o, durante quatro anos, para mais de 600 municípios, em todas as regiões do país. Queirós concebia, no entanto, que o fomento à leitura também deveria ser atribuição da sociedade civil. As ações do PROLER foram embrionárias do *Movimento por um Brasil Literário*. (CÂMARA, 2012; CAMARA, 2014).

Lançado como manifesto em 2009, na sétima edição da Festa Literária Internacional de Paraty (Flip), o *Movimento por um Brasil Literário* objetivava desenvolver o hábito de leitura em um maior número de brasileiros por meio de ações voltadas para a população e por meio da influência de personalidades e organizações importantes. Uma grande articulação resultou em adesão ostensiva ao movimento e em realizações diversas (CÂMARA, 2012). O texto integral desse documento está registrado no dossiê sobre Bartolomeu Campos de Queirós, realizado pela revista *Palavra*, em 2012.

Bartolomeu costumava chamar atenção para a afetividade implicada na formação de leitores. Em entrevista concedida ao projeto Paiol Literário, promovido pelo Jornal Rascunho em parceria com a Fundação Cultural de Curitiba, o Serviço Social da Indústria do Paraná

(SESI-PR) e a Federação das Indústrias do Paraná (FIEP), exemplifica com sua própria experiência:

Quando terminei o curso primário, fui estudar como interno em Divinópolis. Lá, com onze ou doze anos, encontro o professor de literatura José Dias Lara. Ele me introduz na literatura. Com ele, começo a ler Machado de Assis, José Lins do Rego, José de Alencar. Com uma orientação maravilhosa, devo a esse professor o meu gosto pela literatura. Sempre fui um bom leitor. Tive uma professora muito interessante. Quando entrei na escola, já sabia ler e escrever — o meu avô já havia me ensinado. Mas tinha tanta vontade que a dona Maria Campos — minha primeira professora — gostasse de mim, que resolvi esquecer tudo. E aprendi tudo outra vez. Ela ficava tão feliz comigo aprendendo tudo o tempo inteiro, rápido. E tudo o que queria na vida era que ela gostasse de mim, mais nada. [...] (PAIOL LITERÁRIO, 2011, n.p.).

A visão particular do arte-educador sobre a formação de leitores admite que a afetividade está necessariamente implicada, desde a primeira infância à adolescência, seja por influência de um familiar querido ou por meio do acolhimento e orientação de um professor inspirador. Determinados fatos da biografia de Bartolomeu Campos de Queirós, como o seu engajamento na formação de leitores, ganham relevância ao se materializarem como um traço da sua escrita, integrando o seu estilo. Assim,

[...] o método estilístico tem que recorrer constantemente à noção de contexto. As informações de ordem biográfica (aspectos da vida do escritor que esclareçam a preferência por certos vocábulos) ou de cunho sociológico só terão alguma utilidade se comprovarem as inferências obtidas pelo estudo das associações permitidas num dado contexto. (MONTEIRO, 2009, p. 53).

Outro aspecto da afetividade diz respeito à identificação do leitor com as experiências relatadas na história: vivenciar um dia preguiçoso e contemplativo em casa, observar paisagens naturais durante uma viagem de carro, macerar inquietações profundas e questionamento a respeito da existência. Jouve (2002), amparado na proposta de Gilles Thérien — “Por uma semiótica da leitura” — (THÉRIEN, 1990 apud JOUVE, 2002, p. 17), reconhece na leitura um processo de cinco dimensões, sendo uma delas a afetiva, e destaca a impossibilidade de eliminar a identificação e o componente emocional da experiência estética, argumentando ser o engajamento afetivo um aspecto essencial da leitura em geral.

Para o Bernardo (2005), a leitura do mundo pela perspectiva do personagem modifica o leitor, processo que pode até ser doloroso, mas sempre enriquecedor. Segundo seu posicionamento, o leitor crítico também pode nutrir relacionamento afetivo com o texto. Em *O conceito de Literatura*, ao sugerir como leitor especializado, por exemplo, teóricos e professores, e por que não dizer, estudantes, devem se portar diante de um texto, o autor indica que

A tarefa crítica, propriamente, deve se exercer no momento da segunda leitura que, aí sim, se desdobra em duas perspectivas: pela primeira perspectiva, deve-se reler o texto para melhor entendê-lo e para melhor relacioná-lo com os outros textos que conhecemos; pela segunda perspectiva, deve-se procurar ler exatamente a nossa primeira leitura, isto é, como lemos da primeira vez, como o texto nos afetou, nos mobilizou, por que veredas nos interessou. Este é o segredo (bem, agora não é mais segredo) que junta as pontas da razão com as pontas da emoção, tornando honesto e significativo o nosso trabalho. Dessa maneira, podemos entender o processo que não só faculta como provoca aquela “suspensão da descrença” (processo que, de resto, nas melhores histórias, persiste misterioso). (BERNARDO, 1999, p. 160).

Assim, a segunda leitura de um texto revela-se necessariamente teórica, embora não precise ser desprovida de prazer. Segundo Bernardo (1999, p. 164), a interpretação de um texto constitui uma maneira de reviver e de prolongar determinados estímulos, além do mais, “antes de se afigurar completamente ciência, é uma arte”. No desfecho de *A Árvore* (2018), é inegável a admiração de um espectador pelo seu objeto de estudo:

Pelo muito que minha árvore me faz pensar, tenho por ela um respeito desmedido. Passo horas do meu relógio decorando as lições que minha árvore me ensina. Ela não sabe que é minha professora. Aliás, desconfio que minha árvore viva gratuitamente. Eu é que necessito dar sentido à sua existência. Com minha professora verde, eu aprendo que a liberdade me permite até viver num mesmo lugar, a vida inteira, contemplando uma árvore crescendo para o céu. (QUEIRÓS, 2018, p. 34).

Esse fragmento pode ser lido como representação da estima natural de um aprendiz por seu tutor. Uma outra leitura — metalinguística — permitiria associar *árvore* ao texto literário sobre o qual analistas, críticos e demais teóricos se detêm inesgotavelmente. Tal hipótese se comprova substituindo o vocábulo “árvore” pelo vocábulo “texto”, não só nessa

como em outras passagens. Aliás, também cabe a substituição pelo vocábulo “livro”, em alguns momentos até mais assertiva, considerando, por exemplo, a relação metonímica existente entre árvore e o papel que compõe as versões impressas, cuja matéria prima das folhas é, usualmente, a celulose, extraída das árvores.

2 “Navego árvore adentro”⁷

Para evidenciar o que está sendo chamado de experiência multissensorial, o texto literário aguçando todos os sentidos do leitor, será fundamental analisar as imagens contidas em *A Árvore* (2018), com base no estudo das figuras ou *tropos*, além de considerar o aproveitamento das sonoridades da língua. Othon Moacyr Garcia cita a conhecida sentença de Locke, *Nihil in intellectu quod prius non fuerit in sensu*, que quer dizer “Nada nos chega ao espírito sem ter sido antes apreendido pelos sentidos” (LOCKE *apud* GARCIA, 2010, p.106), no trecho que antecede a conceituação de metáfora ou, em melhores palavras, a descrição do processo metafórico.

Construções como “meu coração coça” (QUEIRÓS, 2018, p.17) e “As flores são miúdas, amarelas e falam perfume.” (QUEIRÓS, 2018, p. 20) transmitem a impressão de que os verbos usualmente empregados seriam insuficientes para expressar o que se deseja, tornando necessário recorrer a outros. Para Garcia (2010), essa deficiência lexical para exprimir com exatidão o pensamento humano seria uma das motivações para o surgimento das metáforas. Em *A Árvore* (2018), tais recursos aguçam todos os sentidos do leitor, criando maior conexão com o texto.

Ao descrever o processo metafórico, Garcia (2010) alega que quanto maior a área de semelhança, mais expressiva será a metáfora. Um destaque para a recorrência, na composição literária em análise, de uma metáfora incomum, resultante da comparação entre árvore e mar, a partir da analogia com a cor verde e com sons emitidos por uma — barulho da copa — e por outra — barulho das ondas:

Minha árvore é casa para tantos passarinhos. Eles pousam, repousam nos galhos e cantam, ou ficam calados, para bem escutar o mar. Costuram

⁷(QUEIRÓS, 2018, p. 31).

ninhos, com as agulhas dos bicos, nas ondas do mar verde e escondem seus ovos em espumas. (QUEIRÓS, 2018, p.06).

As cigarras se camuflam entre as cores do mar de folhas e soltam a voz. Só se vê seu canto cortando a tarde pela metade. Elas cantam a mesma canção todo dia, mas nossas conchas estão cheias do mar, e não escutam. É preciso esquecer o mar para escutar as cigarras (QUEIRÓS, 2018, p. 12).

Meus olhos passeiam pelas marés das folhas [...] (QUEIRÓS, 2018, p.19).

Quando estou em tristeza — vontade de me deitar em meu colo —, sinto o mar de suas folhas ficar da cor verde-escura do abacateiro (QUEIRÓS, 2018, p.21).

Tento sonhar azul, mas o mar das folhas me impede. A sombra da árvore é também verde. Não existe um verde, mas muitas nuances de mar. Não sei qual verde eu sou (QUEIRÓS, 2018, p.26).

No exemplo em análise, o termo comparado *árvore* guarda com o termo comparante *mar* correspondência além do espectro sensorial — cor verde, barulho da copa ou das ondas —, na medida em que há um sema comum que diz respeito à infinitude característica a ambos os sememas:

Acredito que minha árvore compreenda que minha casa é pequena para comportar seu mar (QUEIRÓS, 2018, p.21).

Na terra, minha árvore busca sua vida, com profundos e longos braços. A terra escuta e responde às necessidades do meu mar (QUEIRÓS, 2018, p.28).

Impingindo ainda mais expressividade a essa metáfora, a partir da união de campos lexicais antitéticos, segundo o senso comum brasileiro (campo x praia), exsurge um novo campo semântico:

Só as conchas gravam o barulho do mar (QUEIRÓS, 2018, p.06).

Muitos e miúdos insetos se hospedam nas nervuras das ondas e areias de minha árvore (QUEIRÓS, 2018, p. 27).

Outras vezes, minha janela é meu porto. Navego árvore adentro num frágil barco, sem bússola ou vela. Minha árvore dispensa vento para viajar-se. Eu me faço marinheiro e, sem carta de navegar, naufrago entre folhas e vislumbro caramujos camuflados sob folhas. Se é preamar, aproveito as altas ondas e mergulho em sua seiva — veia que alimenta meu mar. Vejo suas raízes abraçadas a seixos antigos, dormindo desde quando eu não sei (QUEIRÓS, 2018, p.31).

Ao abrir as conchas, vi um louva-a-deus rezando sobre a sombra da árvore, nas praias da minha sala (QUEIRÓS, 2018, p.32).

Mas é preciso ter olhos descansados para descobri-las verdes, entre ondas verdes, marés verdes, espumas verdes e areias verdes (QUEIRÓS, 2018, p.33).

As sinestésias presentes em *A Árvore* (2018) provocam no leitor sensações visuais, auditivas, olfativas, gustativas ou táteis, em alguns casos, simultâneas. Para Garcia (2010, p. 114) trata-se de uma variedade de metáfora que atribui a uma *coisa* qualidade que ela só pode ter figuradamente “pois o sentido por que é percebida pertence a outra área. [...] há sinestesia, portanto, quando se cruzam sensações”. Os exemplos a seguir têm o objetivo de evidenciar a afluência sensorial em *A Árvore* (2018) por meio das sinestésias, sem especificar, no entanto, a ocorrência concomitante de animismo ou personificação:

Lagarta é uma linha cautelosa. Anda devagarzinho, olhando com todas as pernas (QUEIRÓS, 2018, p. 14).

Formiga nasce com o coração cheio de vontade de comer açúcar. Quando vejo as formigas correndo sobre o tronco da minha árvore, meu coração coça (QUEIRÓS, 2018, p.17).

As flores são miúdas, amarelas e falam perfume. (QUEIRÓS, 2018, p.21).

Sempre que viajo e o carro engole a estrada, suas irmãs correm espalhadas [...] (QUEIRÓS, 2018, p.24).

2.1 “Ouvir também é tátil”⁸

A estilística do som, também designada como estilística fônica ou fonoestilística, “trata dos valores expressivos de natureza sonora” (MARTINS, 2012, p.44). Segundo a autora,

Os sons da língua — como outros sons dos seres — podem provocar-nos uma sensação de agrado ou desagrado e ainda sugerir ideias, impressões. [...] Evidentemente, essas impressões e sugestões oferecidas pela matéria fônica são recebidas de maneira diversa conforme as pessoas. São os artistas que trabalham com a palavra, poetas e atores, os que melhor apreendem o potencial da expressividade dos sons e que deles extraem um uso mais refinado (MARTINS, 2012, p.44).

⁸ (PAIOL LITERÁRIO, 2011, n.p.).

Bartolomeu Campos de Queirós entendia serem integradas as impressões sensoriais. Tal concepção se reflete no seu modo de escrever. Ao tecer comentários sobre a relação professor-aluno e aludindo a Merleau-Ponty e seu estudo da percepção, Bartolomeu Campos de Queirós afirma:

[...] Merleau Ponty descobriu uma coisa fundamental. Um dia, ele olha muito tempo para o sol e descobre que olhar dói. Ele começa, então, a fazer uma análise dessas coisas. Começa a perceber que ouvir uma música tão bonita às vezes pode arrepiar o meu corpo. Então, ouvir também é tátil. No gosto, posso acordar a memória. Então, o homem é uma coisa inteira, não é dividida em apenas cinco sentidos [...] (PAIOL LITERÁRIO, 2011, n.p.).

Ainda sob o viés pedagógico, em seu trabalho *Poesia em sala de aula: por que não?*, Camara (2020, p. 124) destaca a importância da sonoridade, tendo em vista “[...] a capacidade que o texto literário tem de fazer com que o ouvinte/leitor se deixe prazerosamente encantar pelo texto que ouve ou lê” e menciona “aspectos relacionados ao ritmo e à sonoridade” como fatores de apreensão de atenção.

A extensão do referido campo de estudos e a diversidade do aproveitamento fonológico observado em *A Árvore* (2018) limitam-se ao espaço designado para este trabalho, motivo pelo qual serão citados apenas dois exemplos em que a repetição de certos fonemas simula o som característico das copas das árvores, descrito como “água correndo entre cascalho”, e o ruído estridente do violino e da estridulação do grilo, respectivamente:

Minha árvore tem uma copa redonda e crespa copiando o mundo. A brisa sopra nas folhas e faz ondas na superfície. O barulho das folhas parece água correndo entre cascalho (QUEIRÓS, 2018, p.06).

Acho que grilo não canta, grilo grita. E grita tão alto que até violino guarda inveja (QUEIRÓS, 2018, p.13).

3 Literatura para todas as idades

Neste último item do presente estudo convém resgatar as críticas de Bartolomeu Campos de Queirós ao “rótulo literatura infantil”, comparando sua opinião com a de alguns

dos teóricos que se ativeram ao tema. Esta breve reunião não intenciona, no entanto, esgotar o assunto, que vem sendo largamente discutido ao longo dos anos.

Embora não se mostrasse contrário à adaptação da estrutura textual com intuito de favorecer a leitura por cada faixa etária, Bartolomeu rejeitava o termo Literatura Infantil, em que estaria implícita a sugestão de um gênero inferior. Para ele, quem premedita “escrever para crianças” pode incorrer no erro de se colocar em uma posição de superioridade:

Quando escrevi *O peixe e o pássaro*, a Henriqueta Lisboa disse que a natureza é muito sábia. [...] A natureza, com essa sabedoria dela, nunca fez um rio para adulto e outro para criança. E que não era inteligente fazer uma literatura para adulto e outra para criança. Ou é literatura ou não é literatura. [...] Quando se põe o carimbo “para crianças”, quando tem destinatário, a gratuidade da literatura se perde⁹ (PAIOL LITERÁRIO, 2011, n.p.).

Além das palavras do escritor e educador, será essencial retomar a conceituação de Literatura Infantil a partir das lições de Regina Zilberman (2003) e de Teresa Colomer (2003), esta última em *A formação do leitor literário*, que, apesar de ser o registro de uma pesquisa realizada na Espanha, na região da Catalunha, traz considerações históricas sobre o desenvolvimento do gênero em todo o mundo.

Zilberman afirma que

Determinar o lugar da literatura infantil não pode prescindir de uma formulação sobre seu caráter artístico e seus vínculos com a literatura inteira (ZILBERMAN, 2003, p. 173).

[...]

Com efeito, a caracterização da obra literária evidencia o dilema da literatura infantil. Se esta quer ser literatura, precisa integrar-se ao projeto desafiador próprio a todo o fenômeno artístico. [...] Debatendo entre ser arte e ou ser veículo de doutrinação, a literatura infantil revela sua natureza; e sua evolução e seu progresso decorrem de sua inclinação à arte, absorvendo, ainda que lentamente, as contribuições da vanguarda, como se pode constatar no exame da produção brasileira mais recente (ZILBERMAN, 2003, p. 176).

Sobre o mesmo assunto, Colomer expõe:

⁹ Entrevista concedida pelo autor em 7 de junho de 2011 ao projeto Paiol Literário, promovido pelo Jornal Rascunho em parceria com a Fundação Cultural de Curitiba, o Sesi Paraná e a Fiep. Disponível em: www.rascunho.com.br/bartolomeu-campos-de-queiros, acesso em julho de 2019.

A definição do objeto de estudo foi a primeira questão abordada do ponto de vista teórico pelos estudos da literatura infantil e juvenil. A evolução cronológica deste debate passou, em primeiro lugar, pela discussão sobre se os livros infantis podiam ser considerados “literatura”, no sentido dado habitualmente a este termo; em segundo lugar pela polêmica sobre se a literatura infantil configurava-se pelas obras de reconhecida qualidade literária, ou pelas de maior sucesso entre os leitores; em terceiro lugar, pela definição desta literatura como um campo literário específico no interior do sistema de comunicação literária (...) (COLOMER, 2003, p. 42, 43).

Ainda segundo essa autora, os estudos sobre livros infantis tenderam a se definir por oposição às características da literatura para adultos. Colomer (2003) ilustra com as palavras de Benedetto Croce, partidário da inexistência da literatura infantil:

A arte pura [...] requer, para ser saboreada, maturidade da mente, exercício de atenção e experiência psicológica. O sol esplêndido da arte não pode ser suportado pelos olhos ainda débeis da criança e do adolescente [...] para eles são adequados certos tipos de livros que têm algo de artístico, mas contêm elementos extraestéticos, curiosidades, aventuras, ações audazes e guerreira [...] De qualquer modo, se as crianças podem desfrutar de uma obra de arte pura, esta não terá sido criada para elas, mas para todo o mundo, e por isso não pertencerá à literatura “para crianças”. O mesmo se passa com a arte popular, que ou não é arte, ou não é popular (1974 : 67, original: 1922 : 116) (CROCE, 1974 apud COLOMER, 2003, p.79).

Michelli (2007) ilumina diversas questões envolvendo a Literatura Infantojuvenil, como o fato de sua origem remontar às narrativas orais em um período histórico quando não havia demarcação entre a fase da infância e a da adolescência, diferentemente do que ocorreria posteriormente com a ascensão da burguesia. Michelli (2007) também questiona se o valor estético de uma obra é aferido em função da faixa etária do seu destinatário. A própria destinação de uma determinada obra literária é passível de contestação, segundo a autora, exemplificando com peças originalmente escritas para adultos, mas que passaram a ser lidas por crianças ou por jovens e vice-versa. Em outro momento, alerta para o fato de a discussão em torno da adjetivação em pauta ser mais prejudicial do que benéfica, face à desvalorização dessa disciplina no meio acadêmico, principalmente na área de Letras:

Cabe agora uma última questão: há uma Literatura Infanto-Juvenil ou o adjetivo transforma-a em uma literatura à parte? De um lado, o risco de uma

distinção que a segrega; de outro, o risco de se diluir e perder uma possível identidade ainda se configurando. Talvez o tempo, que já trouxe novas luzes aos estudos sobre a Literatura Infanto-Juvenil, atenuar riscos e possibilite novas tramas (MICHELLI, 2007, p.15).

Da citação de Michelli, em *A Literatura Infantojuvenil nas tramas do tempo* (2007), à Anna Cláudia Ramos (2005) e à Maria Antonieta Cunha (1991), depreende-se que, quando uma obra literária tem qualidade estética, qualquer pessoa pode lê-la e se encantar. Nesse sentido, a Literatura Infantojuvenil é mais abrangente visto que pode ser lida tanto por adultos como por crianças. Desse modo, a produção de Bartolomeu Campos de Queirós é passível de ser desfrutada por todas as idades, pois trata-se de uma “obra de arte pura”; sem destinatários preestabelecidos, portanto.

Considerações finais

No âmbito de *A Árvore* (2018), foi possível tecer comentários sobre afetividade que se estabelece entre narrador-personagem e seu objeto de admiração, pelo viés da Estilística, já que esse campo do saber se ocupa da expressividade da linguagem. Sob outra abordagem, considerou-se a afetividade implicada na formação de leitores e o processo de identificação do leitor com o texto, quer em uma leitura de fruição ou em uma leitura analítica, a partir das pistas metalinguísticas do texto examinado.

A metalinguagem, conforme observado, costuma ser alcançável por leitores mais experientes, em geral adultos. A investigação das metáforas e do aproveitamento das sonoridades da Língua permitiu evidenciar o que foi denominado experiência multissensorial, o texto aguçando os sentidos do leitor. Finalmente, se, por um lado, são inesgotáveis as indagações envolvendo a Literatura Infantojuvenil, por outros, certas discussões revelam-se inócuas, visto que o texto literário detentor de qualidade estética agrada a leitores que com ele se identifiquem, independentemente de sua faixa etária.

A Árvore (2018) é, certamente, uma obra que faz parte do conjunto acima apresentado, pelo fato de ser um texto que emociona e instiga adultos e crianças. Esta “Árvore” serve de morada para os passarinhos e diversos outros seres vivos, encantando e ensinando, mesmo sem saber, o seu “dono”. Com sua prosa poética rica em figuras de linguagem e outros recursos estilísticos, a narrativa desvela a beleza da natureza e aborda a

passagem do tempo, proporcionando ao leitor, de qualquer idade, uma experiência afetiva e multissensorial.

REFERÊNCIAS

BERNARDO, Gustavo. A qualidade de invenção. In: OLIVEIRA, Ieda (Org.). *O que é qualidade em literatura infantil e juvenil?*: com a palavra, o escritor. São Paulo: DCL, 2005, p. 9-24.

BERNARDO, Gustavo. O conceito de Literatura. In: JOBIM, José Luís (Org.). *Introdução aos termos literários*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999, p.135-169.

CÂMARA, André. Manifesto pelo direito a um país literário. *Revista Palavra*. [S.I.], Ano 4, n 3, mar. 2012. Disponível em: http://www.sesc.com.br/wps/wcm/connect/834fc6e8-ed34-4bca-a1c4-27c3d6de1134/Revista+-+Palavra_2012_web.pdf?MOD=AJPERES&CACHEID=834fc6e8-ed34-4bca-a1c4-27c3d6de1134. Acesso em: 04 jun.2020.

CAMARA, Tania Maria Nunes de Lima. O fio da palavra: a prosa poética de Bartolomeu Campos de Queirós. In: AGUIAR, Vera Teixeira de et al. (Org.). *Literatura infantil e juvenil: leituras plurais*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014. p. 201-213.

CAMARA, Tania Maria Nunes de Lima. Poesia na sala de aula: por que não?. In: Michelli et al. (Org.). *A Literatura Infantil/Juvenil entre textos e leitores: reflexões, críticas e práticas leitoras*. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2020, p.122-133.

COLOMER, Teresa. *A formação do leitor literário: narrativa infantil e juvenil atual*. São Paulo: Global, 2003.

FNLIJ. *Bartolomeu Campos de Queirós: uma inquietude encantadora*. [S.I.], 2012. Disponível em: http://www.fnlij.org.br/site/publicacoes-em-pdf/item/download/123_0a3996eee81ef84390d4f632796d9579.html. Acesso em 17 mai.2020.

GARCIA, Othon M. *Comunicação em prosa moderna: aprenda a escrever aprendendo a pensar*. 27. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.

JOUVE, Vincent. *A leitura*. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

MARTINS, Nilce Sant'Anna. *Introdução à estilística: a expressividade na língua portuguesa*. 4. ed. São Paulo: EdUSP, 2012.

MICHELLI, Regina S. A Literatura Infanto-Juvenil nas tramas do tempo. *CaSePEL Caderno do Seminário Permanente de Estudos Literários*, v.03, p.6 - 16, 2007.

MONTEIRO, José Lemos. *A Estilística: manual de análise e criação do estilo literário*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

PAIOL LITERÁRIO. Bartolomeu Campos de Queirós. *Jornal Rascunho*. Curitiba, n. 135, jul. 2011. Disponível em: www.rascunho.com.br/bartolomeu-campos-de-queiros_ Acesso em 20 fev. 2021.

PALAVRA. *Dossiê Bartolomeu Campos de Queirós: expoente da literatura infantojuvenil*. [S.I.], Ano 4, n 3, jul. 2012. Disponível em: www.sesc.com.br/wps/wcm/connect/834fc6e8-ed34-4bca-a1c4-27c3d6de1134/Revista+-+Palavra_2012_web.pdf?MOD=AJPERES&CACHEID=834fc6e8-ed34-4bca-a1c4-27c3d6de1134. Acesso em 20 fev. 2021.

QUEIRÓS, Bartolomeu Campos de. *A Árvore*. 4. ed. São Paulo: Global, 2018.

SANTOS, Neide Medeiros. *Era uma vez uma árvore: Bartolomeu Campos de Queirós. Nas trilhas da literatura*. [S.I.], 18 dez. 2010. Disponível em: http://nastrilhasdaliteratura.blogspot.com/2010/12/era-uma-vez-uma-arvore-bartolomeu_18.html. Acesso em 20 fev. 2021.

ZILBERMAN, Regina. *A literatura infantil na escola*. São Paulo: Global, 2003.

Recebido em: 11/04/2021.

Aceito em: 16/07/2021.